

Transexual descansa em casa enquanto espera outra cirurgia

Sebastião Pedra

O transexual Valério José da Silva, de 22 anos, ou Walerie da Silva, como prefere ser "chamada", não quer saber mais do assédio da imprensa por conta da cirurgia que sofreu para mudar de sexo. "Vou me deixar fotografar só uma vez e, depois, vocês sumam daqui", disse, ontem, Walerie, que pediu os óculos da repórter para posar para as fotos. Depois de trocar de roupa, Walerie apareceu na porta da sua casa, na Ceilândia, com uma camiseta preta estampada, bermuda preta, chinelos e cabelos penteados.

Apesar da resistência em se mostrar, Walerie acabou sorrindo e até fazendo poses. "Depois eu quero ver como ficou no jornal", disse ela. A casa em que mora na QNO 19 da Ceilândia tem quatro pequenos cômodos, uma saleta, um banheiro e a cozinha. "Quero ressaltar mais uma vez para que deixem o médico que me operou fora dessa história. Ele foi muito bom para mim, mas a decisão foi minha", explicou Walerie, sobre o médico Antônio Lino.

A mãe de Walerie, Rosa Maria da Silva, trabalha como servente e não estava em casa. A irmã Janáina, de 17 anos, ficou assessorando a entrevista. As outras duas irmãs e um irmão, menores, também estavam em casa. Walerie fez questão de frisar que o atendimento de toda a equipe do Hospital Regional da Asa Norte (Hran) foi maravilhosa. "Me senti muito bem enquanto estive internada lá", afirmou. Ela teve alta médica na quarta-feira e deixou o hospital às 21h00 do mesmo dia.

Com relação à cirurgia estética que ainda precisa se submeter, Walerie informou que poderá ser operada daqui a um mês. "O médico me disse que tudo vai depender da cicatrização. Por enquanto, preciso de mais repouso", explicou ela. Em agosto, Walerie recomeça o trabalho de auxiliar de cozinha no Hospital Universitário de Brasília (HUB) e por enquanto está de licença.



Walerie elogia o médico e não quer mais comentar a cirurgia

Vizinhos dão apoio à iniciativa

A casa de Walerie, localizada na Expansão do Setor "O" da Ceilândia, se tornou o centro das atenções de toda a vizinhança, ontem. As crianças deixaram de ir às aulas e os vizinhos cochichavam nos portões. A maioria dos moradores disse que apoiava a decisão e a coragem de Walerie. "Eu sou amiga dela de muitos anos. Sempre a considerei como mulher e dei apoio para sua vontade", afirmou a dona-de-casa Alessandra Rittle.

"Ela cresceu junto com a gente. Brincávamos de pique-esconde, de soltar pipa e também de jogar bola", afirmou o vizinho Sérgio Francisco de Assis, de 18 anos. "Apesar de querer ser mulher, ele era bravo quando a gente fazia alguma gracinha e até batia", disse

Gilvan Ferreira de Mesquita, de 19 anos. Para Zenaide Machado, que mora na casa ao lado de Walerie, eles são de poucas amizades. "Eu acho que eles quase não conversam com a vizinhança por causa do problema", comentou Zenaide sobre a família de Walerie.

Dona Antônio Baiana, dona de um bar na esquina do conjunto onde mora Walerie, está indignada com a situação. Ela chegou a escrever uma carta em defesa do médico Antônio Lino de Araújo. "Eu acho que esse médico devia até ser promovido. O rapaz era revoltado de ser homem e mulher ao mesmo tempo. Se o médico fez ele feliz, não deveria ser acusado", escreveu dona Antônio em sua carta.